

Vigilância apertada sobre as terras em redor: uma detecção rápida dos incêndios é o primeiro passo para evitar tragédias maiores



TEXTO SÉRGIO DUARTE FOTOGRAFIA SARA MATOS

# O lado verde da GNR

**Proteger a natureza, prevenir os incêndios florestais, fiscalizar a limpeza das matas, evitar as lixeiras a céu aberto** – a GNR também funciona hoje como uma verdadeira polícia do ambiente, com efeitos visíveis: só em 2007 foram detectadas 20 mil infracções. Mas os responsáveis pelo novo serviço consideram que, em muitas áreas, “o crime ainda compensa”

**BARRAGEM** de Castelo de Bode, Tomar. Uma placa de esferovite a boiar na água assinala o local de uma armadilha para lagostins. Romero Couto começa a puxá-la para a superfície, depois de ter desligado o motor da embarcação. Até ser possível avistar um cesto através das águas do Zêzere decorrem alguns segundos. O profundímetro do barco da GNR marca 15 metros.

O cabo Carlos Matos e Romero Couto fazem parte de uma das doze equipas náuticas do Ser-

viço de Protecção da Natureza e do Ambiente (SEPNA). A fiscalização da pesca na barragem é uma das suas competências, tal como o controlo de licenças das embarcações de recreio. “O SEPNA veio preencher uma lacuna que existia no país ao nível da protecção ambiental”, garante o major Amado, que chefia o serviço desde a sua criação. Apesar do crescimento ainda se debatem com carências de meios técnicos e com algumas falhas na legislação portuguesa para o sector. Uma situação que o

chefe da polícia do ambiente considera natural. “Só quando a lei é aplicada na prática é que se podem detectar alguns ‘buracos’. E durante anos não havia ninguém que a aplicasse.”

**“HÁ ZONAS** em Torres Novas que mais parecem um cenário do Mad Max”, afirma o capitão Reis Silva referindo-se às sucateiras do concelho. A alguns quilómetros da barragem de Castelo de Bode o cenário é muito menos apocalíptico do que no filme protagonizado por

Mel Gibson, mas os militares do SEPNA também encontraram um problema com resíduos. A uma centena de metros da estrada nacional, há uma área de despejos a céu aberto. São dezenas de sacos cheios de latas e garrafas de vidro e plástico. “Neste caso, são apenas de resíduos urbanos e o principal perigo é outras pessoas virem a seguir e fazerem o mesmo”, explica o capitão, assegurando que, pelo estado de degradação do plástico, o lixo deve estar ali há pelo menos dois anos.

**“Há zonas em Torres Novas que mais parecem um cenário do Mad Max”, afirma o capitão Reis Silva. A uma centena de metros da estrada nacional há uma área de despejos a céu aberto**

O procedimento habitual, se for impossível encontrar o infractor, é alertar o proprietário do terreno para remover os resíduos, regularizando a situação. “Às vezes não o conseguimos contactar e avisamos as autarquias para procederem à limpeza”, explica Reis Silva. Algo que nem sempre é executado com a devida rapidez. No entanto, há casos piores. “Às vezes são os próprios funcionários das câmaras a terem atitudes destas”, garante um dos agentes, que recorda, sem nomear, o município responsá-



## Mais de 20 mil infracções no ano passado

O SEPNA foi criado em 2001 como especialização para a área do ambiente dentro da GNR. Desde então o serviço tem vindo a crescer, tanto em funções como em número de efectivos, tendo passado, a partir de 2006, a actuar como polícia ambiental nacional. Hoje tem quase mil efectivos distribuídos por equipas de protecção da natureza com funções gerais e outras especializadas em prevenção de incêndios florestais e em áreas protegidas. Mais de metade são militares da própria Guarda que receberam formação específica na área ambiental. O crescimento do serviço permitiu que o número total de infracções detectadas por ano aumentasse de pouco mais de 4500, em 2002, para mais de 20 mil, em 2007.

vel, uma situação em que a avaria de um camião de recolha de lixo levou a que este fosse despejado num terreno baldio.

Para os homens do SEPNA um dos principais problemas continua a ser a lei estar muito mais virada para as contra-ordenações do que para obrigar o infractor a corrigir a situação. “Fica muito mais barato pagar a coima do que repor as coisas como estavam antes”, queixam-se.

Outra área onde acreditam que “o crime ainda compensa” é a da poluição das águas, por empresas ou particulares. “Muitas vezes sabemos quem é o responsável mas é impossível arranjar provas para que seja condenado em tribunal”, afirma o capitão da GNR.

Uma dificuldade que o comandante do SEPNA explica pela falta de meios técnicos “Fazemos a recolha mas há determinados contaminantes que sofrem alterações na meia hora ou uma hora que levam a chegar ao laboratório.”

O major acredita que os kits de análise que vão, em breve, ser adquiridos podem fazer a diferença “porque permitem analisar as amostras logo no local e iniciar imediatamente a investigação” comparando os contaminantes detectados com os usados pelas empresas. “É uma coisa que revolucionou a investigação da poluição aquática em Espanha”, assegura.

**“DISSERAM-NOS** que havia uma anaconda num espaço muito apertado num circo aqui ao pé”, conta o soldado Carlos Santos enquanto conduz o jipe em que a equipa de Abrantes patrulha a zona adjacente à barragem. Os homens do SEPNA estranharam a denúncia porque desconheciam a presença de qualquer circo nas redondezas. Mesmo assim, decidiram investigar. Afinal era um espectáculo de um único indivíduo. Da serpente nem sinais. “Anaconda era o nome artístico do homem”, esclarece divertido.

O serviço tem também a seu cargo a fiscalização da posse e venda de animais e plantas protegidos, bem como o comércio de espécies ameaçadas, ao abrigo da convenção internacional CITES.

Só este ano o corpo da GNR já foi chamado a intervir em duas situações mediáticas. Quando fugiram três tigres de uma camioneta de transporte na Azambuja e, mais recentemente, em Julho, quando foi denunciada a presença de uma leoa num atrelado em Lousada. Como acontece noutras áreas da responsabilidade do SEPNA, as infracções detec-



Detecção das lixeiras, que ainda proliferam, e fiscalização e limpeza das matas são agora competências do novo serviço da GNR



## Linha SOS Ambiente

**Este ano a linha SOS Ambiente já recebeu mais de 2500 denúncias e em 2007 já se tinha verificado um crescimento de cerca de 210% no número de queixas. A que atribui este aumento tão substancial?**

Major Amado – Temos tido muitas acções de sensibilização em escolas, associações de pais, juntas de freguesia e noutras entidades, fazendo chegar também o conhecimento desta linha. Por outro lado, são cada vez mais as pessoas que vão ao site da GNR na Internet procurar informações sobre o SEPNA. Anteriormente as queixas eram feitas para o Ministério do Ambiente, mas depois os denunciadores não sabiam bem para onde elas iam porque não tinham um número de resposta. Aqui as denúncias são de imediato catalogadas com um número, que é enviado na resposta à pessoa.

**Quais são as principais áreas das queixas que recebem?**

Major Amado – A principal é a dos resíduos, dos lixos. Mas temos também muitas denúncias relacionadas com poluição das águas, poluição atmosférica e ruído. E ainda ordenamento do território. Há muita gente a queixar-se de obras ilegais que estão a ser feitas.

**Como em todas as linhas desse género deve haver um número considerável de falsos alarmes. Aproximadamente que percentagem dessas denúncias são reais?**

Major Amado – No início houve bastantes. Cerca de 20 a 25% das denúncias eram falsas. Muitas vezes éramos chamados e quando chegávamos ao local não havia nada. Felizmente esse número tem vindo a decrescer e neste momento é quase insignificante, ronda os 5-6%. Claro que às vezes temos episódios caricatos, como uma pessoa que nos telefonou à uma da manhã a di-

zer que não conseguia dormir porque o vizinho estava a rressonar muito alto.

**Há dois anos houve algumas queixas de que a linha não funcionava em condições. Havia horas a que ninguém atendia o telefone. Este aumento de denúncias pode também estar relacionado com um melhor funcionamento da linha?**

Major Amado – Sim, houve uma altura em que de dia estava ligada à Inspeção-Geral do Ambiente (IGA) e à noite ao SEPNA. Como a IGA não tinha capacidade para ir ao terreno de imediato e como a linha era uma linha SOS que obrigava rapidamente a atender às situações, ela não funcionava bem dessa forma. Passou para o SEPNA 24 horas por dia e, neste momento, com um simples telefonema nós chegamos às equipas em qualquer ponto do país, Açores e Madeira, inclusivamente, e colocamo-nos em campo de imediato.

**Pelo tipo de denúncias que recebem, acha que as pessoas continuam a queixar-se sobretudo por interesse próprio, por serem situações que as afectam directamente, ou nota que os portugueses têm hoje maior consciência ambiental?**

Major Amado – Já há maior consciência. Há muita gente que vai passar férias longe de casa e nos telefona a denunciar situações que presenciaram. Também são cada vez mais os que nos ligam que, para além de denunciarem uma situação concreta, demonstram uma preocupação ambiental mais geral. Claro que também há situações de queixas por coisas que incomodam directamente a pessoa. E mesmo guerras de vizinhos. Porque um queria fazer uma obra e não foi autorizada e agora o vizinho está a fazer uma obra igual, ou porque tem um problema com ele e o quer incomodar com a presença da GNR.

tadas relativamente à CITES aumentaram de forma substancial desde a criação do serviço. No entanto, nunca ultrapassaram as cem anuais. Valores aparentemente baixos, tendo em conta que o tráfico de animais é o terceiro maior a nível mundial – logo a seguir ao de droga e ao de armas – e que Portugal passa por ser uma das principais portas de entrada na Europa. O comandante da polícia ambiental garante que os valores nacionais estão dentro da média europeia e que os números são enganadores. “Quando vamos a uma feira e apreendemos 50 araras em situação ilegal, só é levantado um auto e, em termos estatísticos, conta como uma única contra-ordenação.”

**AO LONGE PARECE** um farol mas quando se entra na pequena divisão envidraçada, ao cimo de uma longa e estreita escada de pedra, a sensação é a de se estar numa estufa. Sentado numa cadeira e aparentemente indiferente ao calor de Agosto, Mário João Medroa observa o horizonte em busca de qualquer sinal de fogo. É o primeiro ano que trabalha como vigilante florestal mas orgulha-se de já ter alertado para seis incêndios. “Eram pequenos e foram extintos rapidamente. Desde que sejam descobertos logo no princípio, é fácil”, afirma. A alguns quilómetros de Medroa, a povoação mais próxima de que herdou o apelido, contactos com o exterior só mesmo através do telefone portátil, para alertar a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Santarém, ou do rádio transmissor, para chamar os sapadores bombeiros. Passa oito horas diárias, entre as 9h e as 17h,

## O Serviço de Protecção da Natureza e do Ambiente, que veio preencher uma lacuna, integrou há dois anos 450 elementos do extinto Corpo Nacional da Guarda Florestal

### Uma especialização cada vez maior

Quem não sabe pergunta. É um lema necessário num serviço recente e que cobre uma área tão vasta e diversificada como a da protecção ambiental. “Às vezes deparamo-nos com situações completamente novas e o que fazemos é ligar a outra equipa que sabemos ter mais experiência nesse campo”, conta Carlos Santos da equipa de Abrantes.

O SEPNA tem vindo a apostar na especialização interna. “Temos a investigação separada da fiscalização e temos equipas específicas para a poluição aquática, para as áreas protegidas. Temos também um grupo de espeleologia nas serras de Aire e Candeeiros”, explica o comandante do serviço.

Contudo, a criação de equipas específicas para todas as áreas da responsabilidade do SEPNA é, neste momento, “incomportável em termos financeiros e humanos”. A solução passa por especializar os elementos de cada equipa, de modo a que se complementem.

no cimo da torre. “Eu cá não me ponho a ouvir musiquinhas durante o trabalho, estou mesmo é atento aos fogos”, afirma, com alguma desconfiança, quando questionado sobre como mata o tempo.

O SEPNA integra, desde há dois anos, quase 450 elementos do extinto Corpo Nacional da Guarda Florestal. Com este aumento de efectivos alargaram-se também as competências e o serviço da GNR passou a coordenar a prevenção, vigilância e detecção dos incêndios florestais, bem como a fiscalização da limpeza das matas em todo o país. Foram criadas Equipas de Protecção das Florestas, com os elementos integrados, “mas foi também necessário dar formação específica aos restantes porque os ex-guardas florestais não são suficientes”, explica o major Amado. Também insuficientes são os meios de investigação e o serviço está em vias de adquirir novos kits para esse fim porque “o SEPNA passou igualmente a fazer toda a investigação das causas dos incêndios, em coordenação com a Polícia Judiciária”.

Na albufeira, a equipa náutica tem também um papel a desempenhar no combate aos fogos. Cabe-lhe manter as embarcações de recreio afastadas para que os aviões russos Beriev B-200 possam em segurança recarregar de água os tanques. “É só naquele braço que eles abastecem”, esclarece o cabo Carlos Matos, indicando uma área aberta do Zêzere com muitas centenas de metros de extensão. Romero Couto já acabou de verificar a armadilha. “O isco é legal. São apenas restos de peixe”, esclarece enquanto devolve o cesto cheio de lagostins às águas da albufeira. ■